

5

O conceito de feminilidade: uma outra leitura do impasse freudiano diante do feminino

A pregnância da lógica fálica no tratamento da sexualidade feminina e seus efeitos na maneira como esta é tratada a partir daí, representou um ponto de impasse para a teoria freudiana. Vimos no capítulo 4 o encaminhamento dado por Lacan a esta questão. Estaremos tratando, neste capítulo, das contribuições de outros autores sobre o tema da sexualidade feminina a partir da crítica ao paradigma fálico com base na própria teoria freudiana – através do conceito de *feminilidade*.

A feminilidade, apesar de ter um longo percurso na teoria freudiana, foi formalmente formulada, segundo Birman (1996), em *Análise terminável e interminável* (1937), e equivale ao repúdio à castração, sendo comum a homens e mulheres. Desde 1996, então, esse conceito vem sendo trabalhado por Birman assim como por outros autores como Neri (2002), Nunes (2000 e 2002) e Arán (2002), que também procuraram pensar o feminino de uma forma que não esteja estritamente vinculada ao falo.

A produção teórica do conceito de *feminilidade* representa, portanto, uma alternativa à concepção falocêntrica, que trata a sexualidade feminina através de um paradigma universal. A partir desse paradigma, o modelo adotado é o da sexualidade masculina, e tudo o que foge a esse modelo é tratado de forma negativizada. O conceito de *feminilidade* traz, como principal marca distintiva em relação ao modelo falocêntrico, a valorização do que é singular em oposição ao universal. Podemos perceber aqui, como vimos apontando ao longo de nossa pesquisa, que mais uma vez a solução teórica apresentada para o tratamento da sexualidade feminina faz eco com o que está sendo produzido socialmente. Já mostramos no capítulo 3 como o ideal da singularidade vem,

contemporaneamente, ganhando terreno em relação ao ideal universalista que caracterizou o início da modernidade.

Birman (2001) coloca que não é possível entender a teoria freudiana sobre a sexualidade a não ser a partir dos ideais igualitários da Revolução Francesa, uma vez que, antes disso a diferença entre os sexos era entendida a partir de causas transcendentais e imanentes ao “ser” do homem e da mulher. A relação entre a psicanálise e os ideais vigentes na modernidade, no entanto, é preñe de paradoxos, pois se, por um lado, a teoria freudiana se vinculou ao discurso dominante que excluía o feminino - ao tratá-lo a partir do universal falocêntrico -, por outro lado, produziu dissonâncias nesse discurso ao dar voz às históricas e ao formular o conceito de *feminilidade*. Os paradoxos, no entanto, não se restringem às relações da psicanálise com o discurso dominante na modernidade, eles estão presentes também no interior da própria teoria psicanalítica.

A mulher é tratada na obra freudiana de um modo dicotomizado, dicotomia que é situada no tempo: um primeiro momento onde o que é da ordem do feminino é positivado a partir da valorização do discurso das históricas, e um segundo momento onde o feminino é negativizado a partir da impossibilidade de sublimação e de restrição dos excessos pulsionais próprios à mulher. Esta dicotomia também se refere às figuras do feminino: enquanto mães, as mulheres estão a serviço da civilização e enquanto desejanter, são um obstáculo a esse processo. Birman chama a atenção também para o fato de que ambas as figuras representativas da mulher equivalem, justamente, aos dois lugares destinados à mulher na sociedade moderna e, a partir daí, faz a crítica de que a psicanálise contribuiu para o fortalecimento desses papéis.

Fundada no referencial fálico, a psicanálise renovou esse modelo da modernidade ao designar diferentes destinos para as condições masculina e feminina. Enquanto para a primeira o desejo puro seria legítimo e esperado, para a segunda estaria sempre mesclado e amalgamado ao amor, cuja forma fundamental de ser se expressaria na maternidade (Birman, 2002, p. 9).

Entretanto, apesar de ter corroborado os ideais femininos da contemporaneidade, Freud deixou entrever outras possibilidades de tratamento para o feminino pois, ao insistir em desvincular a histeria da degenerescência, ele acabou destacando as qualidades intelectuais e morais das mulheres. As históricas tratadas por Freud eram, em sua maioria, mulheres inteligentes e com grande capacidade de raciocínio - embotado apenas pelos limites que a educação e a sociedade lhes impunham. Além disso, tais mulheres também possuíam grandes virtudes éticas, pois suportavam “com grandeza as perturbações mentais que as afligiam” (Birman, 2001, p. 164). Mas, como já foi colocado, a obra freudiana comporta avanços e recuos no que diz respeito ao tratamento do feminino. Desta forma, quando procura desvincular a histeria da degenerescência Freud caminha na contramão dos discursos do biopoder (*Ibid.*, p. 166), que procuravam através da associação entre uma coisa e outra conferir um caráter negativo à mulher e com isso desvalorizá-la socialmente. Por outro lado, em sua elaboração do complexo de Édipo, Freud toma a sexualidade masculina enquanto padrão, e, portanto, enquanto ideal ao qual a sexualidade feminina tem que se adequar e diante do qual ela estará sempre em defasagem. Com isso, Freud acaba por se perfilar ao discurso regido pelo biopoder.

Ainda de acordo com Birman (2001), a figura do masculino sempre pareceu a Freud mais evidente, menos obscura que a do feminino, que continuamente o colocava diante de um enigma. Por isso, era mais coerente, e mais conveniente, colocar a figura masculina como o padrão para a compreensão da sexualidade humana. Birman considera que essa posição freudiana é reveladora de uma manutenção da concepção antiga de que o homem seria a representação da perfeição e a mulher da imperfeição. Neste sentido, a obscuridade feminina só poderia ser compreendida a partir da transparência masculina.

O discurso freudiano repetiu, portanto, num momento histórico posterior, o que o discurso anatômico realizou até o século XVII, isto é, estudou o psiquismo pelo paradigma masculino da perfeição, deduzindo daí o feminino (...) (Birman, 2001, p. 184).

Os textos freudianos sobre a sexualidade, que vão do período de 1924 a 1932, permanecem perpassados pelo universalismo da subjetividade masculina e

do falo. A centralidade do falo para a vida sexual da mulher - que culmina na figura do filho homem – e a posição masculina primária, tanto para homens quanto para mulheres, implica, segundo Birman, “no reconhecimento efetivo, pelo discurso freudiano do valor superior da figura do homem em relação à da mulher” (*Ibid.*, p. 198). Essa “superioridade ontológica” do masculino é decorrente do lugar primordial que o homem ocupa já que é o detentor do falo (*Ibid.*, p. 214).

Entretanto, a teoria falocêntrica de Freud conduz a um impasse. Vimos no capítulo 1 que, em seus textos iniciais, Freud vê a assunção da feminilidade como a substituição da excitabilidade do clitóris pela da vagina. Esta substituição se daria pela necessidade da menina de abandonar a sexualidade fállica, própria do clitóris, e investir na vagina. Já em seus últimos textos, a feminilidade aparece ligada à maternidade, que consiste em colocar o filho no lugar do falo. O impasse surge a partir da confrontação entre o que é dito nestes dois momentos da elaboração freudiana, pois, se a posição feminina implica no abandono da excitabilidade fállica – clitoridiana -, como pode a maternidade ser a verdadeira feminilidade se o abandono do falo não está em jogo aí, uma vez que o filho o substitui?

(...) a figura da menina perderia o gozo fállico no registro do clitóris, para recuperar um equivalente fállico deste pela figura da criança, isto é, pela assunção definitiva da maternidade (Birman, 2001, p. 218).

Essa circularidade do registro fállico é o que leva a teoria freudiana a um impasse e a um paradoxo. Mas, segundo Birman, esse não foi o único legado freudiano sobre a sexualidade feminina. Para o autor, o conceito de *feminilidade*, desenvolvido no final da obra de Freud (1937), aponta numa outra direção. A *feminilidade* é compreendida como o que está na origem do psiquismo e tendo relação com o desamparo fundamental da condição humana. Ela é pensada como fazendo parte do psiquismo humano, estando, portanto, para além dos registros masculino e feminino, estes sim regidos pela lógica fállica (Birman, 2002). Apesar de ter sido anunciada de forma negativa, uma vez que seria “a fronteira”

do rochedo da castração, a feminilidade é tomada enquanto posição originária do ser humano e, portanto, anterior ao masculino. A partir daí, uma outra leitura do feminino se torna possível.

Birman (2001), então, sugere que Freud, em 1937, propõe a feminilidade como a modalidade de ordenação sexual a partir da qual se organizam tanto a sexualidade feminina quanto a masculina. Trata-se, portanto, de uma mudança na formulação da organização sexual fundada no operador fálico. A prevalência do falo, no entanto, não desapareceria, mas surgiria como uma reação contra a feminilidade, como recusa a esta.

Toda a tradição do Ocidente seria assim levada de roldão com essa formulação ousada, pois agora a feminilidade estaria na origem e a ordem fálica estaria na derivação e no ocultamento do registro psíquico anterior. A feminilidade como desordem seria assim silenciada e transformada em continente negro pela instauração de ordem fálica no psiquismo (Birman, 2001, p. 226).

A feminilidade originária coloca, então, a imperfeição como base, revelando a finitude que o narcisismo humano procura camuflar através da perfeição fálica. Segundo Birman, foi exatamente o narcisismo o que levou os sujeitos de um modo geral e o próprio Freud a se distanciarem do que há de precário na origem humana. Contudo, no final de sua obra, Freud retoma essa fragilidade, essa fratura primordial com o conceito de *feminilidade*.

Agora, contudo, a feminilidade, com todos os seus farrapos e andrajos, seria também nossa origem e não apenas nosso *destino*, como efeito maior da experiência de castração (Birman, 2001, p. 229).

Assim, Birman afirma que a feminilidade seria a direção clínica adotada por Freud, ou seja, os efeitos do tratamento psicanalítico iriam na direção da perda “da onipotência e da arrogância” (*Ibid.*, p. 229). Em sua análise, ele coloca ainda que as idéias de imperfeição e finitude teriam que vir, de fato, associadas à feminilidade, uma vez que, na tradição ocidental, o corpo feminino traz consigo as

noções de “materialidade impura”, “putrefação corpórea”, morte e nascimento impuro, sendo a figura da mulher, portanto, o que indica nossa imperfeição e finitude. A expressão convulsionária do corpo histérico, revelaria nossa imperfeição e despedaçamento originários. “A convulsão seria, enfim, a marca daquilo que no final de seu percurso Freud denominou feminilidade” (*Ibid.*, p. 232). É nesse sentido que Birman faz a seguinte afirmação:

Nesses termos, a reversão dos signos da perfeição humana em direção à da imperfeição teria de vir necessariamente da condição feminina, da corporeidade impura das figuras da mulher e da histeria (Birman, 2001, p. 231).

Segundo Birman, até a formulação da feminilidade originária, Freud, calcado apenas na referência ao falo, excluiu da dimensão humana a marca da imperfeição - marca esta que se encontrava presente em sua obra a partir da noção de trauma -, uma vez que o falo é o que há de mais perfeito.

É a partir do conceito de *feminilidade*, fundado, como já colocamos, nas noções de desamparo e singularidade, que Birman julga ser possível dialogar com as novas formas de subjetividade da contemporaneidade, para além de uma hierarquia entre os sexos, a partir de uma “outra gramática erótica para a subjetividade” fundada, de fato, na igualdade e na democracia (*Ibid.*, p. 244). É mais ou menos nesta mesma direção que seguem as pesquisas de Neri, Nunes e Arán, que pretendemos apresentar a seguir.

Neri (2002) vai começar seu texto intitulado *O encontro entre a psicanálise e o feminino: singularidade / diferença* com uma interrogação sobre a relação entre psicanálise e feminino.

Dentre os cenários que marcam a modernidade, passagem do século XIX para o XX, pretendo destacar o que julgo ser um acontecimento inédito na história do pensamento ocidental: o advento de um discurso que se funda a partir de uma interrogação sobre o feminino (Neri, 2002, p. 13).

A autora ressalta que a psicanálise surge da escuta de uma verdade que subverte a racionalidade científica - o sintoma histérico -, e se pergunta em que medida o discurso psicanalítico é tributário do discurso feminino, excluído durante séculos da história ocidental.

O feminino se introduz na cena social desconstruindo o discurso universalizante centrado no masculino e na lógica fálica, e a psicanálise se constitui, justamente, na tensão entre esses dois discursos. Como colocamos anteriormente, o momento histórico de surgimento da psicanálise compreende a passagem de um tempo centrado na lógica patriarcal e universalista para o momento seguinte, em que essa lógica começa a ruir. Já apontamos também que a lógica edípica e a lógica fálica são indissociáveis, por isso, quando o lugar de destaque do pai começa a ser questionado, esse questionamento se estende, inevitavelmente aos preceitos universais ligados ao falocentrismo. É desta forma que a “crise da ordem transcendental, por sua vez, põe em xeque a hegemonia do gênero masculino como paradigma do sujeito universal metafísico” (Neri, 2002, p. 14).

Neri acrescenta que o corpo histérico traz, com sua mobilidade pulsional, um para além da lógica fálica na medida em que rompe com dicotomias como corpo-espírito e ser-pensamento e introduz, com sua anatomia puramente pulsional, a questão da singularidade na modernidade, ou seja, justamente aquilo que o discurso científico pretendia deixar de fora. Ela considera que, a partir da modernidade, devido ao abalo sofrido na hegemonia dos ideais masculinos, já é possível falar de um processo de feminização da cultura.

A Viena *fin-de-siècle* é vista como o cenário de uma explosão do erotismo feminino no campo das artes. A crise histérica é convertida em *ars erotica* inscrevendo-se desta forma na cultura. Neri cita exemplos de artistas como Isadora Duncan e Sarah Benhardt que, através de seus trabalhos, introduzem o singular na cena social. Para os surrealistas, a crise histérica era vista como “meio supremo de expressão da arte”, ao mesmo tempo em que subverte o ideal iluminista (Neri, 2002, p. 25). O singular vai ganhando cada vez mais espaço nas artes de mulheres como Frida Khalo e Marguerite Duras. Já nesta mesma época existia uma feminista, R. Mayreder, que defendia não uma igualdade entre

homens e mulheres, mas uma erotização da cultura a partir de uma feminização desta.

Todo esse contexto artístico mostra que, de fato, já existia na época freudiana a matriz ideológica e cultural da consolidação do declínio paterno e da valorização de uma outra lógica que não a fálica, racional e científica. Entretanto, do ponto de vista social, a mulher ainda ocupava um lugar de exclusão. Apesar de a legitimação do discurso das histéricas ter trazido o feminino para um campo onde, até então, ele era tradicionalmente excluído, não podemos nos esquecer de que o paradigma para a compreensão desse mesmo discurso não deixou de ser falocêntrico. A histérica é aquela que corre o risco de se tornar frígida por causa da inveja do pênis. Embora houvesse todo esse enaltecimento do feminino, o ideal de ciência e mesmo o ideal de liberdade na modernidade ainda excluía o que não era da ordem do universal e do masculino. Neri nos lembra que mesmo os discursos sobre o feminino se tratavam de uma busca pela verdade universal e tinham o homem como sujeito e a mulher como objeto (*Ibid.*, p. 19).

A partir de Arán, Neri coloca como saída para as questões colocadas pela crítica à teoria fálica, “(...) a possibilidade de tecer novas diferenças” (Arán 2000, *apud.* Neri, 2002, p. 33), e em seguida se pergunta como pensar a diferença sexual a partir daí.

Quais os possíveis destinos da diferença sexual no século XXI? Essa diferença teria necessariamente de permanecer atrelada à oposição dialética masculino-feminino? Para alguns filósofos, o questionamento da diferença sexual inaugurado pela modernidade pode conduzir ao seu apagamento. Derrida acena com a possibilidade de neutralizar a oposição sexual, e não a diferença sexual, abrindo o campo da sexualidade para uma sexualidade diferente. Todavia, no momento em que o feminino desconstrói a lógica falocentrista, deixando ver um novo paradigma para pensar a diferença, ou seja, sinalizando a possibilidade de pensar uma diferença irreduzível à lógica dual, querer apagar a diferença pode ser uma tentativa velada de reconstruir o universal (Neri, 2002, p. 33).

De acordo com Neri, que parte de autores como Deleuze e Guatarri, as críticas ao modelo masculino, feitas por pensadores e artistas da modernidade, trouxeram como consequência uma feminização da filosofia contemporânea.

Estes autores apresentam o feminino não como o que se opõe ao masculino, mas como o que desconstrói o falocentrismo. É nesta direção que a autora aponta a solução dos impasses que o falocentrismo traz para a feminilidade.

Pensando numa alternativa para a mesma questão, Nunes (2000) coloca que é curioso perceber na obra freudiana o fato de que, mesmo reconhecendo em várias passagens que a cultura e a educação são fatores fundamentais para a constituição da subjetividade, em relação aos ideais de masculinidade e feminilidade, Freud não parece levar em consideração tais fatores. Isto seria, segundo a autora, indício do modo sintomático como Freud representa as mulheres, ou seja, a partir de uma perspectiva evolucionista da diferença sexual. O lugar desvalorizado que a mulher ocupa devido ao fato de não possuir o falo, não é visto como fruto de contingências sociais.

Nunes (2000) chama ainda a atenção para um fato, também citado por Birman (2001), que é a oscilação da postura freudiana diante da sexualidade. Se por um lado ele não se questiona sobre a prevalência fálica e o lugar desvalorizado que a mulher ocupa a partir daí, por outro lado, não é possível negar seus avanços em relação ao lugar conferido ao discurso das histéricas e à concepção da sexualidade humana - que foi retirada do registro natural e passada para o do psíquico. Só a partir daí, afirma a autora, é possível a Freud se perguntar como uma criança se torna mulher a partir de sua disposição bissexual (Freud, 1976 [1932-1933], p. 144). Só assim é possível pensar num percurso em direção à feminilidade. Esse percurso, no entanto, foi deduzido, até um certo momento da obra freudiana, do percurso masculino, pois era este que servia de modelo.

Nunes (2002), num artigo intitulado *O feminino e seus destinos: maternidade, enigma e feminilidade*, afirma que, a partir de 1925, embora Freud tenha proposto uma nova teoria da sexualidade feminina com a elaboração da pré-história do Édipo feminino - não mais calcada no modelo masculino -, a primazia do falo continuou reduzindo a sexualidade feminina a este modelo. A introdução do falo como pólo ordenador da sexualidade feminina “(...) fez com que Freud ignorasse aspectos que ele próprio assinalara e que poderiam levá-lo a desenhar percursos para a sexualidade feminina (...)” (Nunes, 2002, p. 43) que não levassem aos impasses da inveja do pênis. Esses aspectos seriam: uma

potência do sexo feminino - que em vários momentos aparece como uma figura forte -, e o privilégio de outros caracteres do corpo - que não fosse apenas o pênis - e que colaborassem para a construção psíquica da diferença sexual, como os seios e a percepção da gravidez. (*Ibid.*, p. 44)

A autora se pergunta por que o questionamento sobre a origem dos bebês, apresentado no texto freudiano (1908b), como a primeira teoria sexual infantil, não foi valorizado, já que neste texto Freud afirma que as crianças não tomam a existência de dois sexos como ponto de partida de suas pesquisas sexuais. Por que a percepção do corpo feminino decorrente da maternidade, que positivaria a imagem da mulher, não foi levada em consideração?

Se a descoberta da castração feminina está tão vinculada à percepção da ausência de pênis na irmãzinha, por que a gravidez da mãe não tem nenhum papel preponderante nesse processo? (...) É curioso como Freud, que em tantos momentos assinalara a importância, na vida psíquica infantil e masculina, dos fantasmas que atribuem à mãe uma grande potência, insistiu em não dar à gravidez um lugar nesse processo (Nunes, 2002, p. 45).

Ainda de acordo com Nunes, o seio é outra característica do corpo feminino que é deixada completamente em silêncio. Tão importante na relação mãe/criança como objeto da satisfação primordial, a ponto de ser a matriz das experiências de prazer desta última, ele não é mencionado uma única vez, nem mesmo quando Freud trata da puberdade. Se, por um lado, as características do corpo feminino não são destacadas por Freud, por outro lado, em diversos textos¹ ele mostra que a mulher assume um caráter que, por estar associado à natureza e à morte, acaba por lhe conferir o grande poder de dar e de tirar a vida, associando, desta forma, a mulher ao perigo. Nesses momentos, então, ela surge como figura poderosa, posto que está numa posição de plenitude, parece que é justamente aí que a mulher fica enquanto um enigma e isso seria, segundo Nunes, uma maneira depreciativa de tratar o feminino. Assim, à medida em que foi se deparando com o enigma da feminilidade, Freud foi mais e mais se afastando da

¹ Textos tais como: *A Interpretação dos Sonhos* (1900); *O Tema dos Três Escrinhos* (1913); *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914).

figura idealizada da histérica que caracterizou os momentos iniciais de suas elaborações.

Mais próximas da natureza, incapazes de obedecer às exigências da civilização, narcisistas, com menor senso ético, aos poucos o perfil feminino traçado por Freud deixou de corresponder ao modelo romântico dos primeiros textos sobre a histeria, nos quais, a partir do embate entre o sexual e a cultura, tratou a mulher como vítima (Nunes, 2002, p. 52).

A solução apresentada por Nunes para as questões encontradas na obra freudiana sobre o feminino, será, a exemplo dos demais autores deste capítulo, o conceito de *feminilidade*. De acordo com a autora, Freud vai, ao longo de suas elaborações, desarticulando o feminino da imagem da mulher. Ela coloca que a construção do conceito de *feminilidade* se inicia a partir do remanejamento de algumas teses sobre as pulsões, teses implicadas nas relações entre atividade/masculinidade e passividade/feminilidade. A idéia de uma desarticulação entre esses termos vai se dando gradativamente a partir de formulações como a da relação primordial da menina com a mãe e a do masoquismo originário. A partir da primeira, Freud pôde perceber que os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos, o que permite conceber que desde suas primeiras relações objetais a menina adota uma postura ativa. A segunda formulação permite atribuir uma passividade primordial para ambos os sexos devido à situação de desamparo em que o ser humano vem ao mundo. Freud diz que essa posição assumida pelo sujeito é feminina.

Assim, a partir de diferentes problemas, ao longo de todo o percurso freudiano, o feminino vai sendo paulatinamente desarticulado da imagem da mulher (Nunes, 2000, p. 229).

Finalmente em 1937 Freud vai formular que a feminilidade equivale à aceitação da castração e por isso é repudiada tanto por homens quanto por mulheres. A associação da feminilidade à castração confere àquela um estatuto

universal e desta forma Freud desloca as associações comumente feitas entre mulher / morte, enigma e natureza para o conceito de *feminilidade*.

Todas essas características ditas femininas passam a ser inscritas no sujeito de um modo geral (...). Nessa nova perspectiva, não é mais possível fazer coincidir o enigma da *feminilidade* com o enigma da mulher, por não haver mais adequação entre mulher e *feminilidade* (Nunes, 2000, p. 232).

Segundo Nunes, ao colocar a feminilidade como primordial, Freud vai chamar a atenção para o fato de que o que era até então descrito como tipicamente feminino é, na verdade, uma vicissitude da condição humana e como consequência disso, passa a haver um reposicionamento em relação à maneira negativizada com que o feminino que foi tratado ao longo da obra de Freud. Um exemplo deste tratamento negativizado é a afirmação de que o feminino se opõe à civilização, entre outros motivos, por ser avesso ao processo sublimatório – que é um dos principais sustentáculos da vida civilizada.

É justamente a oposição entre feminino e civilização que vai chamar a atenção de Arán em seu artigo publicado em 2002. Ela vai traçar uma correspondência entre o afastamento do feminino que ocorre no processo civilizatório e o afastamento do feminino existente na obra freudiana em direção ao masculino. Aliás, este seria mais um ponto em comum entre os trabalhos aqui analisados: a idéia de que na obra de Freud existe um período inaugural em que ele valoriza o feminino e um outro, posterior, em que ele se distancia desta valorização e se aproxima da valorização do masculino, a partir da prevalência da lógica fálica e do complexo de Édipo. Além desse deslocamento do feminino em direção ao masculino, o retorno de Freud, no final de sua obra, ao feminino, a partir da elaboração do conceito de *feminilidade*, também é uma idéia defendida igualmente por estes autores.

A especificidade do trabalho de Arán (2002) está em mostrar como a teoria freudiana acompanha um movimento mais amplo da sociedade moderna que consiste no afastamento da natureza, da imanência e das experiências sensíveis em direção a uma intelectualização e uma racionalização da vida ocasionadas pelo que ela considera ser o processo civilizatório. Como coloca a

autora no início do texto, “o processo civilizatório dispensa ‘quiquilharias’”, ou seja, procura deixar de fora o que é da ordem do excesso, do pulsional e do singular, e seria isso também o que acaba fazendo Freud ao se afastar do que é da ordem do feminino e que não se alinha ao processo civilizatório moderno (Arán, 2002, p. 59).

A hipótese que [Schneider, 1980] sugere é que se, num primeiro momento, a experiência do prazer excessivo surge como fundante do sujeito, Freud teria inaugurado, a partir do Édipo, o empreendimento do domínio do prazer (Arán, 2002, p. 65).

O que é associado ao amadurecimento psíquico baseia-se na perda da “experiência sensível” e no afastamento do que é da ordem do feminino (*Ibid.*, p. 66). Desse modo, o Édipo, por exemplo, consiste no abandono da mãe e no direcionamento ao pai, direcionamento este necessário para a constituição do supereu, instância fundamental para a vida em sociedade. O tipo de subjetividade constituído a partir daí é pautado na renúncia pulsional, não por coincidência, era este também o balizador da ética capitalista no início da modernidade. No entanto, segundo Arán, o afastamento da mãe em direção ao pai representa mais um problema do que uma solução, pois caminha em direção à restrição da satisfação pulsional e essa restrição é motivo de adoecimento. Porém, mesmo o fato de ter considerado as conseqüências prejudiciais da restrição pulsional não faz com que Freud ponha em questão a lógica fálica. A entrada do pai e seu efeito de contenção do excesso pulsional continuam sendo absolutamente cruciais na obra freudiana.

A vinculação ao pai é encarada pela autora como responsável pelo mal-estar na civilização, causando o adoecimento psíquico devido ao excesso de renúncia pulsional que ela comporta.

Essas análises que concebem o discurso freudiano como revelador do mal-estar na modernidade [...] permitem apreender que essa definição corresponde não só ao desamparo ‘inerente’ à condição humana [...], mas sobretudo a uma forma de sociabilidade que pretendeu ‘administrar’ esse mal-estar a partir de uma relação de domínio e exclusão [...] (Arán, 2002, p. 73).

Esse domínio e essa exclusão estão ligados, de acordo com o que traz Arán, ao papel desempenhado pelo pai na obra de Freud. No entanto, o desamparo do ser humano frente à natureza, a si próprio e a outros seres humanos é, segundo a própria conclusão de Freud em 1930, constitucional e independe de momento histórico e contexto cultural. É bem verdade, no entanto, que o mito freudiano do pai da horda e textos como o de 1908a dão a entender que a suspensão da repressão paterna e civilizatória permitiria um acesso maior e/ou melhor ao prazer. A idéia por trás da crítica ao pai é a de que houve um estado primário do ser humano onde não existiam fronteiras entre ele e o mundo e que esse estado vai sofrendo restrições a partir das exigências do nosso processo civilizatório (Arán, 2002, p. 76). É deduzido que essa plenitude original de fato existiu e que é possível recuperá-la com a neutralização do poder paterno. Chamamos a atenção para as conseqüências de tais conclusões, pois a clínica contemporânea nos mostra que, mesmo em tempos de declínio do poder paterno, o mal-estar não foi erradicado da existência humana. A idéia de Marcuse, trazida pela autora, de que uma civilização repressiva faz ecoar a denúncia do preço que se tem a pagar pela manutenção da ordem das coisas, dá a impressão de que esse preço a pagar é datado, que diz respeito apenas a um determinado período histórico, quando, na verdade, sabemos que de uma forma ou de outra, quer seja pela injunção à renúncia pulsional, quer seja pela injunção ao gozo pulsional, é impossível não pagar preço algum.